

a sociedade civil", diz o presidente da entidade, que também é mestrando em Estudos Territoriais.

"A cidade, o território urbano, é formado, é construído por vários agentes.

E nós temos uma formação e elementos para projetar, trabalhar na gestão e planejar cidades mais humanas, mais eficientes, com espaços humanizados. Nós temos essa formação. E levamos

em consideração toda a história da habitação e crescimento das cidades brasileiras", afirma o urbanista José Lázaro Santos.



“Durante essa pandemia, estamos vendo a importância de se pensar a cidade do ponto de vista humanístico, pois o que houve foi um planejamento seletivo, deixando de lado questões muito importantes como a promoção de condições sanitárias em toda a cidade, de se criar uma infraestrutura básica para todos, mobilidade e com serviços de telecomunicação, por exemplo.”

Leonardo Polli,
Professor e Urbanista

MERCADO DE TRABALHO

A importância do Urbanista para a sociedade é inquestionável. Mas o mercado de trabalho entende isso? Segundo os urbanistas entrevistados nesta matéria, o profissional pode atuar em diversos segmentos dentro da iniciativa privada, do poder público e no terceiro setor. Nas empresas, atuam como consultores, elaboram projetos, produzem estudos de impacto de vizinhança, em licitações. Também podem trabalhar na academia, desenvolvendo pesquisas.

De acordo com Leonardo de Souza Polli, a resposta do mercado é positiva. Muitos de seus alunos estagiam em órgãos públicos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedur), Companhia de Desenvolvimento Urbano (Conder), Ministério Público entre outros. Na iniciativa privada, o professor diz que ainda há alguns entraves, devido ao corporativismo e uma espécie de "reserva de mercado" com outras profissões.

Conforme diz o presidente da SBU, Elton Andrade, tem ocorrido diversas iniciativas para garantir a atuação do urbanista no mercado de trabalho, com apoio institucional do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (Crea-BA). Uma dessas questões é sempre pleitear a garantia de destinação de vaga para urbanistas em concursos públicos. Outra possibilidade é o empreendedorismo, quando o urbanista deseja abrir empresas de consultoria para diversos segmentos, considerando o profissional como um articulador entre os interesses da sociedade, dos entes públicos e das empresas.

Para os urbanistas, é preciso ultrapassar a ideia de que os profissionais da área se limitam a pensar em cidades verdes. O urbanista, antes de tudo, está atento às demandas mais necessárias do cidadão em um contexto de coletividade e de integração social. E ainda se questiona: que cidade deixaremos para as próximas gerações?

NATUREZA GANHA SOBREVIVIDA

Com a obrigação de ficarmos em casa, o meio ambiente ganha um respiro. Mas será que os efeitos do distanciamento social são suficientes?

As coisas mudaram depois da avassaladora descoberta de um novo Coronavírus. De um dia para o outro, fomos obrigados a ficar em casa. Menos carros circulando nas ruas, indústria menos exigida, espaços naturais sem intervenção humana... E foi só sairmos de cena para percebermos o impacto que nossa interferência causa ao meio ambiente.

"A partir do momento que o homem está ausente do ciclo natural das coisas, a tendência é a cadeia se fechar. [...] O meio natural tem por si só um processo de finalização do ciclo de vida. Quando entra o homem, entra pra atrapalhar", avalia Juliana Nunes, engenheira ambiental, conselheira do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (Crea-BA) e professora.

O resultado é global: a qualidade do ar na Índia melhorou 33%, de modo que os moradores puderam ver o Himalaia a 200 quilômetros de distância em 30 anos; redução na emissão de dióxido de nitrogênio na atmosfera, segundo dados da Agência Espacial Europeia; queda de 50% nos níveis de carbono em Nova York e de 25% na emissão de dióxido de carbono na China; os canais de Veneza ficaram mais cristalinos e golfinhos foram vistos nadando no porto de Cagliari, capital da ilha de Sardenha. Em Salvador, uma tartaruga marinha desovou

cerca de 150 ovos na praia do Porto da Barra, o que não acontecia há 20 anos. E a água do mar da mesma praia mudou de "boa" para "excelente".

As explicações para esse fenômeno são diversas. Com a ausência do fator humano, o meio ambiente flui com mais naturalidade. De acordo com o geógrafo Nilton Sousa Santana, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia Campus Salvador (Ifba) e doutor em Geologia, a condição de sobrevivência do ser humano transforma o meio ambiente.

"O homem não está interferindo de maneira mais significativa no ambiente, nos rios. Isso permite que os animais não se sintam incomodados. O uso que a gente faz da praia, dos rios... Como forma de proteção, os animais se afastam porque se sentem ameaçados. Como estamos com processo de distanciamento social, esses ambientes voltaram a não ser tão utilizados pelo homem, e os animais se sentem mais seguros. É um processo natural", explica.

Já com a diminuição de carros em circulação, a atmosfera não fica sobrecarregada, afinal, frotas de veículo de passeio, carga e serviço deixam de emitir gases que ficam em suspensão na atmosfera. Os benefícios vêm em cadeia: a

população local deixa de estar vulnerável a problemas respiratórios; a diminuição das emissões gasosas freia o efeito estufa e evita aumento na temperatura global, prejuízo à produção de alimentos e desabastecimento de água no planeta.

BOM, MAS NÃO DEVE DURAR MUITO

Seria esse o lado menos pessimista dessa crise sanitária, talvez. Mas não deve durar muito. Com a retomada de alguma normalidade, considerando os padrões de antes da pandemia, os carros voltarão a circular, as pessoas retornarão o hábito de ir à praia e, certamente, continuarão deixando seu lixo nas areias. A engenheira ambiental Juliana Nunes lembra que a ansiedade das pessoas para recuperar o "tempo perdido" nos últimos meses pode colocar a perder os ganhos obtidos até aqui.

"As pessoas acham que teve Coronavírus, foi uma gripezinha, estão com imunidade, e vão querer sair em disparado. Vão chegar no Porto da Barra, aquela confusão toda. A água do Porto tem uma camada de óleo impressionante dos produtos que as pessoas colocam. Aí não vai ter qualidade da água ou os peixes de espécies incríveis, porque todo mundo entrou com bronzeador, protetor solar,

tomando cerveja. [...] O que as pessoas estão menos preocupadas é com a qualidade da água", avalia.

A sede pela normalidade também preocupa Washington Franca Rocha, geólogo e professor titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. De acordo com sua observação, se intensificarmos as atividades produtivas numa tentativa de compensar o período de suspensão, a repercussão disso no meio ambiente terá impacto elevado.

"O retorno gradual e planejado das atividades produtivas tem que estar concatenado com os devidos cuidados em relação à qualidade do meio ambiente. Isso não pode estar dissociado de um retorno, de um planejamento de retorno às atividades", acrescenta.

A alternativa para dirimir esse impacto é educação ambiental. Especialistas sugerem mobilização liderada pelos órgãos públicos para conscientizar as pessoas sobre o uso mais equilibrado dos recursos naturais.

Por outro lado, o geógrafo Renato Barbosa, doutor em Biotecnologia e Saúde e Medicina Investigativa pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e professor da Unifacs acredita que o retorno da "normalidade" pode acentuar ainda mais aspectos de desigualdade socioespaciais que temos no Brasil.

"A gente vai perceber que, com o aumento da pobreza, vem junto também

aumento da degradação ambiental. É uma das marcas das áreas mais pobres as deficiências de infraestrutura, principalmente no aspecto de saneamento", destaca.

OUTRA PERSPECTIVA

Os impactos do distanciamento social são positivos, mas outra perspectiva alerta para o contrário. O engenheiro e mestre em Saneamento Jonatas Sodré destaca o caminho inverso que pega o Brasil, devido à política ambiental adotada pelo governo federal e ao desmatamento na Amazônia. Em 2020, a devastação alcançou o maior patamar dos últimos cinco anos.

"Se por um lado a gente está avançando na redução de gases de efeito estufa pela questão da pandemia, por outro a gente está aumentando as emissões por conta do aumento drástico das queimadas. Inclusive, esse aumento drástico é reflexo da falta de fiscalização, fruto da própria política ambiental adotada pelo governo e da própria dinâmica da pandemia, que não permite que os agentes de fiscalização consigam, de fato, efetivar isso", observa Sodré.

O geólogo Washington Franca Rocha lembra que o desmatamento descontrolado ameaça espécies vegetais, como também provoca alterações climáticas e prejudica processos ecológicos necessários à produção de alimentos em todo o mundo. No caso específico da Amazônia, modelos científicos projetam que a remoção de 40%

da floresta é o ponto de inflexão: a partir disso, o bioma passaria a se assemelhar às savanas.

Franca Rocha destaca que, se chegado esse momento, os cenários são catastróficos. A perda do ecossistema da Amazônia causa implicações na temperatura global, na produção de chuvas e reservatórios de águas, bem como em mudanças climáticas.

"E estudos feitos por cientistas que mostram que dentro desses ecossistemas existe uma gama grande de vírus com efeitos ainda desconhecidos, e esse é outro problema. O desmatamento vai tender a liberar o contato de vírus desconhecidos com a população, que pode ter efeitos não muito substanciais. A gente já teve outros casos de outros vírus que não mostraram tanta agressividade, mas uma vez que a gente convive com vírus altamente agressivo [como o Coronavírus], nada nos leva a crer que não existem outros vírus com o mesmo potencial ou maior ainda de agressividade", acrescenta.

A atividade de garimpo ilegal também é um lado negativo da pandemia, pelos mesmos motivos do que acontece com relação ao desmatamento: fiscalização. O maior risco é a degradação do solo, que prejudica a sustentação de ecossistemas naturais e de atividades produtivas agropecuárias. Sem fiscalização, a extração dos minérios ocorre sem os cuidados com a conservação e regeneração do solo.

INSPETORIA PARTICIPA DE REUNIÕES para discutir prevenção a incêndio em Barreiras

O engenheiro civil Maurício Mayer, inspetor-chefe do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-BA), em Barreiras, participou de uma reunião convocada pelo Ministério Público da Bahia (MP-BA) para discutir medidas contra incêndio na cidade. A reunião foi realizada por videoconferência no dia 9 de julho. Segundo o engenheiro, a Inspetoria participa

da discussão sobre prevenção a incêndios, desde que o Corpo de Bombeiros foi instalado na cidade, a convite do MP. As reuniões também contam com a presença de representantes do Corpo de Bombeiros, da prefeitura e da Câmara de Dirigentes Lojistas. O debate visa esti-

mular o cumprimento das leis que previnem a ocorrência de incêndios em estabelecimentos comerciais.

A reunião faz parte de um ciclo de ações lideradas pelo promotor de Justiça Artur Rios, marcada pela realização de seminários e audiências públicas em Barreiras. O MP-BA já firmou dois Termos de Ajustamento de Condutas (TACs) com o Município de Barreiras para prevenção de incêndios em imóveis públicos e privados. O Crea-BA tem participado dos debates na qualidade de órgão técnico consultivo na defesa dos interesses profissionais das diversas categorias representadas pelo conselho. O MP-BA deverá encaminhar para a Inspetoria uma lista de profissionais que podem ter infringido a legislação para as devidas providências. Mayer lembra que "a inspetoria é o canal de comunicação entre o profissional e o Crea-BA". "A participação do órgão nesse procedimento mostra o quão importante é o Crea para a defesa do interesse do profissional", declarou.



Inspetoria do Crea-BA em Vitória da Conquista COMEMORA 45 ANOS DE FUNDAÇÃO

A Inspetoria do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (Crea-BA) de Vitória da Conquista completou, no dia 1º de julho, 45 anos de fundação. A unidade é composta por três inspetores titulares e três suplentes, dois assistentes administrativos e dois fiscais, representando 1.649 profissionais e 387 empresas. A Inspetoria fiscaliza o exercício profissional de 25 municípios da região sudoeste.

Para a inspetora-chefe, engenheira civil Nelma Moraes, a inspetoria é de grande importância para o interior do estado. "Nós, inspetores, somos os representantes da presidência do Crea-BA em nossas cidades, representando-o nos atos públicos, solenidades, perante os profissionais e a sociedade. Contribuímos nas discussões de políticas públicas de desenvolvimento de nossa cidade, representamos a Inspetoria em várias atividades dos órgãos públicos, das instituições de ensino e nos meios de comunicação que têm como tema a engenharia".



QUALIDADE DO AR NO PERÍODO DA PANDEMIA

Índia melhorou 33%, de modo que os moradores puderam ver o Himalaia a 200 quilômetros de distância em 30 anos

Na China, emissão de dióxido de carbono foi reduzida em 25%

A emissão de carbono em Nova York caiu 50%

